

Desconfinar a academia, entrelaçando ciência e arte

Rosa Cabecinhas

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS,
Universidade do Minho

Quando recebi a gentil carta de convite apelando a contributos para este livro de homenagem à Professora Helena Gonçalves, pensei imediatamente no tema que iria abordar no meu testemunho pessoal: seria sobre uma imagem, mais precisamente uma capa desenhada pela Helena, da qual me tinha lembrado uns escassos dias antes. De seguida, abordarei o contexto dessa lembrança e potencial disruptivo e transformador dessa imagem, que ilustra a forma como Helena Gonçalves soube entrelaçar ciência e arte, contribuindo para desconfinar a academia. Este ato de rememoração levou-me a um esforço para combater a criptomnesia social.

Imagem, performance, os espartilhos do quotidiano e as cores da vida

Durante a campanha para as eleições presenciais de janeiro de 2021, um dos candidatos, que é líder de um partido de extrema direita, proferiu uma série de afirmações que visavam desqualificar as duas candidatas à Presidência da República: Ana Gomes foi por ele qualificada como “histérica, obcecada com os seus inimigos de estimação, amiga das minorias que vivem do nosso trabalho” (Twitter, 2020.09.8) e sobre Marisa Matias referiu que “Não está bem em termos de imagem, de performance, assim como os lábios muito vermelhos, como se fosse uma coisa de brincar” (Twitter, 2021.01.13). Já antes, o referido candidato tinha proferido afirmações desqualificando a ação política de outras mulheres aconselhando-as a “pintar menos os lábios” (Twitter, 2020.06.25), mas foram as suas afirmações em relação à candidata presencial

Marisa Matias que fizeram saltar a tampa e despoletaram um vivo protesto online: #VermelhoemBelém, no qual pudemos observar homens e mulheres, de diversos quadrantes políticos, com os lábios pintados de vermelho, protestando assim, através da imagem, contra as palavras ultrajantes proferidas contra todas nós.

A imagem de diversos “homens de barba rija” com os lábios pintados de vermelho nas redes sociais, em meados de janeiro, constituiu uma surpresa para as pessoas mais distraídas e teve o mérito de trazer para a esfera pública, por alguns dias, uma discussão sobre os estereótipos de gênero, imagem e *performance*. De facto, não é apenas na política que a performance de uma determinada pessoa é inferida a partir da sua imagem, seja a partir da maquiagem que usa, a roupa que veste, a postura corporal ou a tonalidade da sua voz. Na ciência isso também acontece, como demonstram numerosos estudos.

Por coincidência, poucos dias depois de se ter iniciado o protesto online #VermelhoemBelém, recebi a mensagem solicitando contributos para o livro de homenagem para a Professora Helena Gonçalves. Decidi imediatamente sobre o que queria escrever. Queria escrever sobre uns carnudos lábios vermelhos que guardo na minha memória como uma capa desenhada por Helena Gonçalves para uma publicação científica do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Lembrava-me que a capa apresentava uns carnudos lábios vermelhos. Antes, já outras capas da Helena me tinham chamado a atenção pelo seu carácter artístico e por contrastarem com as capas sóbrias que habitualmente se faziam em publicações científicas do instituto, mas esta era particularmente luminosa e provocadora.

Nada é fácil no jogo humano das imagens

Sabemos que as nossas memórias estão em permanente reconstrução, e que as imagens mentais que guardamos do passado não constituem representações fidedignas da realidade e estão em constante transformação em função das vivências do presente. Eu lembrava-me exatamente dos lábios vermelhos, lembrava-me que apareciam em destaque no centro da composição da capa, mas tinha esquecido quase tudo o resto. Em que publicação aparecia essa imagem? Em que ano? O CECS já existia ou teria sido antes? Uma coisa eu tinha a certeza: a capa tinha sido desenhada pela Helena Gonçalves. Porque

é que recordo esta capa em particular? Porque na altura a capa me surpreendeu, causou-me alguma estranheza e fez-me olhar a Helena de outra forma, pois foi todo um mundo novo que se abriu.

O meu primeiro contacto com a Helena Gonçalves ocorreu no início dos anos noventa quando fomos colegas de trabalho na então Secção de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, que posteriormente deu origem ao Departamento de Ciências da Comunicação. Na época, eu dividia o meu tempo entre as aulas em Braga, as visitas à família na Bajouca e as idas a Lisboa onde estava a realizar um mestrado em Psicologia Social, no âmbito do qual realizei uma série de experiências de laboratório sobre memória, mais precisamente sobre as assimetrias nos enviesamentos cognitivos no processamento de informação social. Pouco depois estava super atarefada a recolher dados, em várias regiões do país e também no estrangeiro, no âmbito do meu projeto de doutoramento. Recordo-me que eu andava sempre a correr, com pouco tempo para confraternizações com colegas de trabalho. Eu queria ser uma cientista a sério, não a brincar, por isso assumi a postura que julgava mais adequada para dar o meu contributo científico: fechar-me no laboratório, recolher dados, tratar os dados recorrendo aos mais avançados pacotes estatísticos disponíveis, analisar os resultados com a maior profundidade possível e escrever seguindo rigorosamente as normas da escrita científica. Mas a capa da Helena foi um murro no estômago, confrontou-me com a minha ignorância e o meu preconceito. Porquê os lábios vermelhos? Não sabia responder e na procura de resposta comecei a estar mais atenta à Helena, às suas inúmeras produções e iniciativas, dentro e fora da academia.

Pouco tempo depois várias de nós estávamos a fazer um curso de História da Arte no Museu Nogueira da Silva. Foi uma oportunidade de pensar nas ligações entre ciência, comunicação, arte e mudança social. Pouco a pouco fui tomando consciência de que, tal como afirma Aníbal Alves, “nada é fácil no jogo humano das imagens, incluindo a sua relação com as palavras” (2015, p. 6). Entretanto, saí do “laboratório” e abracei com alguns colegas o árduo e exigente desafio de analisar imagens. Esse trabalho requer a articulação de campos de saberes diversos, desde a filosofia à matemática, passando pela linguística, psicologia, história, a sociologia e as artes.

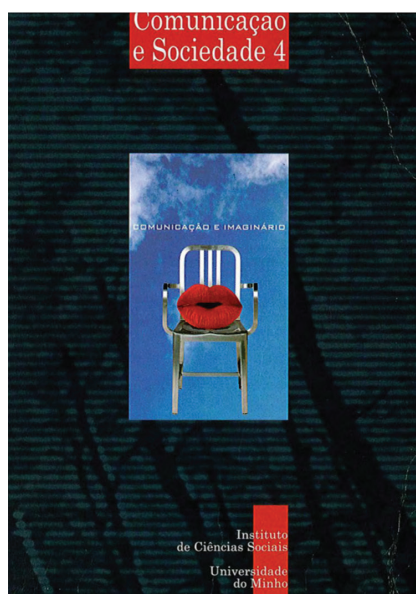
O trabalho de Helena Gonçalves constitui um excelente exemplo de ciência desconfinada, que não se deixa aprisionar pelas artificiais fronteiras

disciplinares nem pelos estereótipos sociais que perpassam na academia e em outras instituições sociais, moldadas ainda por cores cinzentas e por espartilhos implícitos. O trabalho criativo de Helena Gonçalves é um grito vermelho no campo da academia. Sim, o vermelho dos lábios nessa capa fez-me recordar o vermelho das papoilas, esse grito cantado que nos interpela à luta coletiva.

Determinada a escrever um curto texto sobre essa tal capa que me tinha ficado na memória comecei o processo de procura. Não me recordava de qual a publicação nem em que ano tinha sido publicada. Então resolvi fazer uma pesquisa no site do departamento, no site do instituto, no site do CECS, no repositoriUM, mas as buscas por “Helena Gonçalves” não me proporcionaram os resultados esperados. Apareceram os textos em que é autora, mas não as capas que desenhou.

Como procurar uma capa da qual só sabemos a autoria? As ferramentas de pesquisa que temos ao nosso dispor dão centralidade ao autor do texto e não ao autor da imagem. Rapidamente constatei que de facto não está disponível uma indexação que permitisse recuperar rapidamente a autoria das capas das diversas publicações científicas. Resolvi procurar uma a uma. Comecei pelos livros, depois fui para as revistas e lá encontrei a referida imagem em uma publicação do então Núcleo de Estudos de Comunicação e Sociedade, que daria origem ao CECS.

Figura 1 – Capa do número temático “Comunicação e imaginário”, *Comunicação e Sociedade* (2002)



O volume 4 da revista *Comunicação e Sociedade* (junho, 2002) é dedicado ao tema “Comunicação e imaginário”. Moisés de Lemos Martins, diretor da revista e organizador desse número temático, explica a importância do tema na nota de abertura: os textos reunidos neste volume “interrogam, de diferentes maneiras, as figurações do humano projectadas pela articulação das novas tecnologias da imagem com os média e o imaginário, e interrogam também as consequências da confluência da técnica e da estética, que estetiza a experiência e realiza a cultura como controle” (Martins, 2002, p. 7). A pertinência do tema não poderia ter sido explicada de forma mais elucidativa e a imagem escolhida para a capa era perfeita.

Na ficha técnica da revista lá está a autoria da capa: Helena Gonçalves. Mas como colocar esta referência na bibliografia? Não encontrei nas normas de citação e referenciação o modo de colocar tal informação, por isso tentei fazer a referência de um modo que dê primazia ao trabalho criativo desenvolvido pela autora.

Embora eu tenha elaborado uma dissertação de mestrado sobre os efeitos do sexismo e do racismo no processamento de informação social, até ao momento em que me confrontei com a capa da Helena eu pouco (ou nada) sabia sobre a história e os símbolos das lutas feministas. A capa da Helena desencadeou em mim um processo de procura a partir do qual me apercebi de forma mais clara dos efeitos persistentes da criptomnesia social (Vernet & Butera, 2005) no nosso quotidiano.

Voltemos ao movimento #VermelhoemBelém que ferveu nas redes sociais portuguesas em janeiro deste ano. Este movimento de protesto dialoga com movimentos recentes em outros países do mundo, por exemplo o #SoyPicoRojo ou o #EzpainGorrienIraultza, configurando aquilo que foi denominado como *Revolução dos Lábios Vermelhos* (*Red Lips Revolution*, ver Larrondo Ureta & Orbegozo Terradillos, 2021), dando-nos oportunidade de recordar um pouco das quase-esquecidas histórias de luta, por exemplo, as lutas das sufragistas pelo direito de voto universal.

Encarado como símbolo de libertação para umas pessoas e como símbolo de opressão para outras, o gesto de pintar os lábios de vermelho tem sido uma prática de beleza comum ao longo da história e nos mais diversos contextos culturais. Para uns o batom é sinal de satanás, produto ilegal,

risco potencial para a saúde, símbolo de frivolidade, para outras representa a opressão exercida pelos padrões patriarcais de beleza feminina impostos pela sociedade de consumo, para outras é símbolo de empoderamento, auto-expressão, desafio e escolha.

Não cabe aqui debater as complexidades ligadas às controvérsias associadas ao batom vermelho enquanto símbolo cultural, mas os lábios pintados de vermelho que surgem no centro da capa do quarto número da revista *Comunicação e Sociedade*, dedicado à “Comunicação e Imaginário”, desafiam-nos a contar e a escutar outras histórias, a questionar tabus, a interligar sentir e saber (Damásio, 2020) e a partilhar sorrisos. Desafiam-nos também a empreender aquilo que em Klelobedu se designa por ‘go sepela ke go bona’ (Mahashe, 2020, p. 218), passear com as ideias tendo consciência de quanto o trabalho das outras pessoas nos permite dar os nossos próprios passos, colorindo essas ideias com as cores da vida, articulando ciência e arte, desenhando conceitos que nos permitam transformar a academia e a sociedade.

Aprender com a Helena Gonçalves foi um enorme privilégio. Recordo com saudade os seus ensinamentos, o seu sorriso luminoso e a sua contagiante alegria de viver. Até sempre.

Referências

- Alves, A. (2015). Nota do tradutor. In M. Melot (2015) *Uma breve história... da imagem* (pp. 5-9). Tradução de Aníbal Alves. Húmus.
- Damásio, A. (2020). *Sentir & Saber – A Caminho da Consciência*. Temas e Debates.
- Gonçalves, H. (Design da Capa) (2002). Comunicação e imaginário, *Comunicação e Sociedade*, 4.
- Larrondo Ureta, A., & Orbegozo Terradillos, J. (2021). Hashtivism’s potentials for mainstreaming feminism in politics: the Red Lips Revolution transmedia narrative. *Feminist Media Studies*. <https://doi.org/10.1080/14680777.2021.1879197>
- Mahashe, G. T. (2020). Walking towards a camera obscura. *Critical African Studies*, 12(2), 218–236, <https://doi.org/10.1080/21681392.2020.1750968>
- Martins, M.L. (2002). Nota de Abertura. *Comunicação e Sociedade*, 4, 7-8.
- Vernet, J.-P., & Butera, F. (2005). Women, women’s rights and feminist movements. *Social Science Information*, 44(1), 175–188. Doi: 10.1177/0539018405050465

MARIA HELENA GONÇALVES. VIDA E OBRA

In Memoriam

(1945- 2020)

Organização: Aníbal Alves | Helena Pires

Capa: António José Pedro

Imagem da capa: Conceição Belchior

© CECS, 2021

Edições Húmus, Lda.

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

Edição: Novembro 2021

Depósito legal: 491378/21

ISBN: 978-989-755-691-3

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2020-2023 (que integra as parcelas de financiamento base, com a referência UIDB/00736/2020, e financiamento programático, com a referência UIDP/00736/2020)“